



# EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO PROCESSO FORMATIVO DE PROFESSORES: NUNCA VI, NEM VIVI, EU SÓ OUÇO FALAR

Alexsandro Ferreira de Souza Silva<sup>1</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2139-776X>

Thais Mendes dos Santos<sup>2</sup>

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7462-1852>

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo, demonstrar as possibilidades para se trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar nas Instituições de Ensino e também analisar como os professores têm inserido a Educação Ambiental (EA) em suas práticas docentes. É uma pesquisa de abordagem qualitativa que apresenta os resultados referentes a um questionário aplicado há oito participantes de um minicurso. O questionário contou com 3 questões relacionadas ao que os cursistas concebiam por Educação Ambiental, e outras duas relacionadas ao contato que estes tiveram com a EA tanto na educação básica como na graduação. Foi possível constatar que grande parte dos participantes tiveram pouco contato com a Educação Ambiental na educação básica e na graduação sendo que as abordagens presentes nesses espaços atendem, principalmente, a uma perspectiva biologizante. Percebeu-se ainda que a maioria dos cursistas também possuem uma visão da Educação Ambiental assentada numa esfera naturalista e conservadora.

**Palavras-chave:** Desafios; Formação de Professores; Interdisciplinaridade; Minicurso.

<sup>1</sup> Mestre em Educação em Ciências e Matemática pela (UESB); Especialista em Educação Ambiental com Ênfase em Educadores Sustentáveis (UFBA) e Docência em Biologia (Univasf). Licenciado em Ciências biológicas pela (UNEB). Membro do Grupo de pesquisa (GPEA-FP). Professor da rede Estadual. [aleckissf@gmail.com](mailto:aleckissf@gmail.com)

<sup>2</sup> Doutoranda e mestra em Educação em Ciências e Matemática pela (UESB). Licenciada em Ciências Biológicas pela (UESB). Membro do grupo de pesquisa em Educação Ambiental (GPEA-FP). [Thaismendes8503@gmail.com](mailto:Thaismendes8503@gmail.com)

## LA EDUCACIÓN AMBIENTAL EN EL PROCESO DE FORMACIÓN DE DOCENTES: NUNCA VI, NI VIVÍ, SOLO LO ESCUCHO

**Resumen:** Este artículo tiene como objetivo demostrar las posibilidades de trabajar la Educación Ambiental de forma interdisciplinar en las Instituciones Educativas y también analizar cómo los docentes han insertado la Educación Ambiental (EA) en sus prácticas docentes. Se trata de una investigación de enfoque cualitativo que presenta los resultados referentes a un cuestionario aplicado a ocho participantes de un minicurso. El cuestionario contó con 3 preguntas relacionadas con lo que los participantes del curso concibieron sobre Educación Ambiental, y otras dos relacionadas con el contacto que tuvieron con la EA tanto en la educación básica como en la graduación. Fue posible verificar que la mayoría de los participantes tuvo poco contacto con la Educación Ambiental en la educación básica y de graduación, y los abordajes presentes en esos espacios atienden, principalmente, a una perspectiva biológica. También se percibió que la mayoría de los participantes del curso también tienen una visión de la Educación Ambiental basada en una esfera naturalista y conservadora.

**Palabras-clave:** Desafíos; Formación de profesores; interdisciplinariedad; Mini curso.

### Environmental Education in the teacher training process: I've never seen it, nor have I lived it, I only hear about it

**Abstract:** This article aims to demonstrate the possibilities for working with Environmental Education in an interdisciplinary way in Teaching Institutions and also to analyze how teachers have inserted EE in their teaching practices. It is a research with a qualitative approach that presents the results referring to a questionnaire applied to 8 participants of a short course. The questionnaire had 3 questions related to what the course participants conceived of Environmental Education, and two others related to the contact they had with EE in both basic and undergraduate education. It was possible to observe that a large part of the participants had little contact with Environmental Education in basic education and in graduation, and the approaches present in these spaces mainly serve a biologizing perspective. It was also noticed that most course participants also have a vision of Environmental Education based on a naturalistic and conservative sphere.

**Keywords:** Challenges. Teacher training. Interdisciplinarity. Mini course.

## INTRODUÇÃO

A inserção da Educação Ambiental (EA) nas instituições de Ensino tem se tornado um desafio cada vez maior para os educadores que compreendem a necessidade de trabalhar as questões socioambientais para além de datas pontuais, como o dia da água, dia do meio ambiente, dia da árvore, etc. Por isso, documentos oficiais como a Política Nacional de Educação Ambiental, os Parâmetros Curriculares Nacionais, dentre outros, destacam a importância da EA ser trabalhada de forma permanente e para além desses momentos, que

embora sejam relevantes, não apresentam possibilidades concretas de mudanças de hábitos, atitudes e pensamentos.

Daí a urgência em pensar alternativas que possibilitem ao professor levar a EA para o contexto escolar de forma integrada, dialogando com o conteúdo programático da sua disciplina e também partindo de possibilidades interdisciplinares, que garantam pensar a EA por meio das diferentes áreas. Por isso, faz-se necessário refletir sobre “uma nova forma de pensar a educação, integrando formação, conhecimento, desenvolvimento social do aluno, proporcionando uma educação básica sólida, ou seja, a formação integral do educando” (FRAGOSO; NASCIMENTO, 2018, p.163).

Pensando nisso, o presente artigo vem refletir a partir dos resultados obtidos em um minicurso realizado virtualmente em Julho de 2021 com o tema: “Desafios e possibilidades para se trabalhar Educação Ambiental nas Instituições de Ensino”, por meio de um projeto de extensão da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia.

A temática do minicurso foi proveniente dos estudos prévios dos autores por compreenderem a necessidade de dialogar com os professores e professoras das diferentes áreas sobre os desafios diários em trabalhar a EA em sua prática docente e para além disso, no sentido de pensar as possibilidades de levar a EA para o contexto escolar de forma interdisciplinar.

Partindo de tais prerrogativas surge a seguinte problemática: quais são os desafios que os professores das diferentes áreas do ensino vivenciam no contexto escolar que os impedem de trabalhar a EA de forma interdisciplinar?

Portanto, este artigo tem como objetivo demonstrar as possibilidades para se trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar nas Instituições de Ensino e também analisar como os professores têm inserido a EA em suas práticas docentes.

## **O SURGIMENTO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

A Educação Ambiental é praticada desde os mais remotos tempos, mas o termo educação ambiental é bem recente, tendo surgido por volta da década

**3**

de 70. (SOUZA, 2011). Nos primórdios a sobrevivência do homem era diretamente ligada ao meio ambiente, pois era através dele que os seres humanos conseguiam tirar o seu sustento. E dessa forma, todos os conhecimentos e cuidados adquiridos com o meio ambiente eram transmitidos para os filhos de geração em geração, implicitamente praticava-se aquilo que podemos chamar de Educação Ambiental contemporânea.

Segundo Kruger (2001) o homem interage com a natureza desde os primórdios da humanidade, assim, entre 50 e 40 mil anos atrás a natureza dominava o ser humano. Entretanto, com o surgimento da agricultura por volta de 10 mil anos atrás a humanidade passou lentamente a inverter tal relação de dominação. Inicialmente, o homem foi tido como refém das grandes florestas e matas, pois não tinha o conhecimento de seus frutos, dos animais que ali habitavam, das plantas medicinais, das estações de seca e chuva etc. (SOUZA, 2011).

No início da humanidade, quando os recursos naturais eram retirados da natureza, o homem respeitosamente retirava apenas o necessário, sem desperdícios e os resíduos eram degradados e absorvidos por ela sem comprometer o meio ambiente, fazendo parte de um ciclo natural de decomposição. A percepção humana era extremamente desenvolvida, pois era necessário para à sua sobrevivência, na procura por alimentos e proteção de animais e intempéries. (KRUGER, 2001, p.10).

Ao longo do tempo, o homem começa a ter conhecimento sobre o meio ambiente e, conseqüentemente, explorar seus recursos. Nesse sentido, a ciência evolui e os fenômenos naturais começam a ser compreendidos. Com isso, a relação homem-natureza, uma relação de harmonia, passa por uma grande transformação, onde o homem por suas ações, começa a submeter à natureza aos seus interesses.

Para Araújo (2007), a dominação da natureza dá-se início quando o homem passa a ter controle na agricultura e nos processos de irrigação. Com isso, o homem passa a residir definitivamente em um único local, devastando aquele espaço, é a partir daí que surge a concepção de domínio sobre a

natureza. Considerando essa proposta, a natureza passa a assumir o papel de objeto a ser conquistado pelo sujeito, onde tem o homem como representante.

Com o domínio da natureza, a forma de transmissão dos conhecimentos muda de vertente. Por não se sentir mais refém da natureza, o homem passa a buscar novas formas de domínio e exploração, e essas novas descobertas são transmitidas aos seus filhos, os quais as transmitirão aos seus netos, perpetuando tais formas de exploração da natureza (SOUZA, 2011).

Com isso, a produção capitalista, sistema acima descrito, tem suas características invertidas, já que a natureza, tida antes como um meio de subsistência do homem, agora passa a integrar um conjunto de produção que beneficia o capitalismo (OLIVEIRA, 2002). Dessa forma, o capital passa a ser o responsável pela separação entre os homens e a natureza, através de seu processo de produção/reprodução e, dessa forma, impõe que o ritmo das atividades humanas não seja mais o mesmo da natureza, mas o do capitalismo.

Segundo relatório da UNESCO (1997) a humanidade vem tomando consciência da envergadura desses danos e destruições, começando a avaliar as consequências das catástrofes já ocorridas e aquelas que poderão vir a ocorrer. Com isso, será preciso mudar a forma do homem se relacionar com a natureza, não bastando apenas conhecer o meio ambiente, mas também, ensinar, pois, a urgência em reestruturar e preservar, para assim, buscar minimizar os efeitos da ignorância no passado.

## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL E SEU MARCO HISTÓRICO**

As discussões em torno das questões ambientais surgiram por volta da segunda metade do século XIX e alcançou grande relevância para a Educação Ambiental mediante a uma catástrofe, no início da segunda metade do século XX (ARAÚJO, 2007). No ano de 1952, um acidente por poluição do ar, ocorrido em Londres, Inglaterra, decorrente da industrialização, provocou a morte de cerca de 1.600 pessoas. (LOPES, 2013).

Diante desse acontecimento e a necessidade de compreender-se esse quadro, realizou-se naquele país, em março de 1965, a *Conferência de*

**5**

*Educação da Universidade de Keele*, que pela primeira vez utilizou-se o termo “Educação Ambiental” reconhecendo que a Educação Ambiental deveria se tornar uma parte essencial da Educação de todos os cidadãos. Porém, naquela época, a Educação Ambiental era vista como uma questão ecológica e de conservação, conduzida pela biologia.

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), fundada em 16 de novembro de 1945, realizou em 1968 estudo sobre Educação Ambiental, compreendendo a mesma, como tema complexo e interdisciplinar. Nesse estudo, a UNESCO compreendeu que não se deve limitar a Educação Ambiental a uma disciplina específica no currículo escolar. Essa interpretação da interdisciplinaridade na Educacional Ambiental anos depois se fortalece na Política Nacional de Educação Ambiental, instituída pela Lei n.º 9.795/99, que no art. 10, §1º, dispõe: “A Educação Ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino”.

Na década de 70 se destaca a Conferência de Estocolmo de 1972, onde foi concebido o Plano de Ação Mundial e, em particular, foram dadas diretrizes para um Programa Internacional de Educação Ambiental. Segundo dispõe PEDRINI (1998) pela primeira vez, a Educação Ambiental foi reconhecida como essencial para solucionar a crise ambiental internacional, enfatizando a priorização de organizar as necessidades básicas de sobrevivência na Terra. Apesar da sua importância, esta conferência configurou-se mais como um ponto centralizado para identificar os problemas ambientais, do que um começo de ação para resolvê-los.

No ano de 1973, surge nos Estados Unidos da América um marco importante: O Registro Mundial de Programas em Educação Ambiental. No Seminário de Educação Ambiental realizado em Jammi (Comissão Nacional Finlandesa para a UNESCO, 1974), se caracterizou os Princípios de Educação Ambiental, onde, considerou-se que a Educação Ambiental deveria abranger maior espaços, e que não seja encarada como um ramo científico ou uma disciplina de estudos isolados, e sim como educação integral e permanente.

Em 1975, é lançada a *Carta de Belgrado*, buscando uma estrutura global para a Educação Ambiental. Esta carta preconizava uma nova ética planetária para promover a erradicação da pobreza, analfabetismo, fome, poluição, exploração e dominação humanas.

No mesmo ano de 1975, a UNESCO, em colaboração com o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA), criou o Programa Internacional de Educação Ambiental (PIEA), em atenção à recomendação 96 da Conferência de Estocolmo de 1972.

Em 1977, entre 14 e 26 de outubro, na cidade de Tbilisi, antiga URSS, ocorreria o mais importante evento internacional em favor da Educação Ambiental, até então já realizado. Foi assim chamada “Primeira Conferência Intergovernamental sobre Educação Ambiental” que constitui o ponto culminante do Programa Internacional de Educação Ambiental, portanto, a segunda reunião internacional promovida pela UNESCO. Naquele instante, postulava-se que a Educação Ambiental fosse um elemento essencial para uma Educação formal e não formal, da qual resultam benefícios para a humanidade. (ARAÚJO, 2007).

Na década de 80 no ano de 1987, realizou-se o Congresso Internacional sobre Educação e Formação Relativa ao Meio Ambiente, em Moscou, mais um evento promovido pela UNESCO. Nesse evento, ressaltou a necessidade de atender, prioritariamente, à formação de recursos humanos, nas áreas formais e não formais da Educação Ambiental, e na inclusão da dimensão ambiental nos currículos de todos os níveis de ensino (SOUZA, 2011).

Já na década de 90, tivemos em destaque a conferência Rio-92, cuja grande preocupação era os problemas ambientais globais e as questões do desenvolvimento sustentável. Nesse conclave, são lançados os desafios fundamentais para o próximo milênio.

Entre os vários documentos emanados dessa conferência, destaca-se a Agenda 21, que apresenta um plano de ação para o desenvolvimento sustentável dos vários países. De acordo com os preceitos desta agenda, deve-se promover, com a colaboração apropriada das organizações não governamentais, todo o tipo de programas educacionais centrados nos



problemas locais, de forma a incentivar uma educação permanente sobre meio ambiente e desenvolvimento.

Segundo Medina (1999), a grande contribuição desses movimentos para a Educação Ambiental, não está no fato de tão-somente ensinar sobre a natureza, mas de educar “para” e “com” a natureza: para compreender e agir corretamente antes os grandes problemas das relações do homem com o ambiente, tratava-se de ensinar sobre o papel do ser humano na biosfera para a compreensão das complexas relações entre a sociedade e a natureza e dos processos históricos que condicionam os modelos de desenvolvimento adotados pelos diferentes grupos sociais.

Todos esses movimentos querem dizer uma única coisa: que o ser humano continua a depender do meio ambiente para encontrar alimento, água e adaptar-se ao clima, e que estas razões são mais do que suficientes para que o homem seja, ele próprio, o guardião desse ambiente, protegendo-o dos ataques insensatos. (SOUZA, 2011).

## **EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO CENÁRIO ATUAL**

Com o desenvolvimento tecnológico e da economia mundial a interferência do ser humano sob a natureza tem se intensificado cada vez mais e como resultado dessas ações predatórias percebe-se uma série de impactos e crimes ambientais que têm atingido o Brasil e o mundo nas últimas décadas, gerando danos que podem ser irreversíveis para a manutenção das diferentes formas de vida em nosso planeta.

Sabe-se que tal exploração desenfreada sob a natureza ganhou notoriedade inicialmente com a revolução industrial, acentuando-se assim as demandas pelos recursos naturais na tentativa de atender ao sistema político econômico capitalista, que vigora até os dias atuais. Pensando nisso, Pires e Colaboradores afirmam que:

O cenário atual, de modo geral, fundamentado no modelo de desenvolvimento produtivo neoliberal, tem gerado grandes perdas sociais e ambientais. Fortalecendo as desigualdades, o que vale é a luta competitiva em que o progresso de todos os sistemas está



interligado ao crescimento econômico e tecnológico. Tais características, que nos tornam humanos, são descartadas e, assim, o sentimento de solidariedade e de cooperação não fazem mais parte das nossas reflexões. (2020, p.460).

Nesse viés, estamos presenciando nas últimas décadas uma série de impactos<sup>3</sup>, desastres e crimes ambientais que colocam cada vez mais em risco a existência do nosso planeta. No Brasil, particularmente, tivemos o desastre em Mariana, considerada uma das maiores tragédias ambientais da história do país e que gerou um impacto imensurável para o meio ambiente com o rompimento da barragem de rejeitos de minérios. Poucos anos depois, presenciamos o desastre em Brumadinho, semelhante ao de Mariana, que além da devastação ambiental, tirou a vida de inúmeras pessoas. Não menos importante, estamos vivenciando um cenário de intensificação das queimadas na Amazônia e do desmatamento que compromete diretamente a sobrevivência vegetal e animal nessas regiões, “trata-se de fatores problemáticos que repercutem na contaminação, na degradação dos ecossistemas, na exaustão de recursos naturais, nas mudanças climáticas, na perda de diversidade biológica, entre outros” (PIRES, et.al, 2020, p. 460).

É importante ressaltar que para além dos danos ambientais, estamos vivenciando um momento histórico marcado por retrocessos ao que se refere a Educação Ambiental e a sua inserção em documentos oficiais, como é o caso da BNCC que “configura-se como documento oficial que define direitos e objetivos de aprendizagem e desenvolvimento que orientarão a elaboração dos currículos nacionais”. (SILVA, 2019, p. 30).

Com isso, a Educação Ambiental perde espaço na BNCC, desconfigurando a sua qualificação enquanto tema transversal, como já previsto em documentos oficiais como a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 que dispõe

---

<sup>3</sup> Desastre de Mariana, caso Samarco. <http://www.mpf.mp.br/grandes-casos/caso-samarco/o-desastre>

<sup>2</sup>Desastre da Vale: relatório elaborado por universidade da Espanha aponta causas do rompimento da barragem em Brumadinho (MG). <http://www.mpf.mp.br/mg/sala-de-imprensa/noticias-mg/desastre-da-vale-relatorio-elaborado-por-universidade-da-espanha-aponta-causas-do-rompimento-da-barragem-em-brumadinho-mg>

sobre a Política Nacional de Educação Ambiental e preconiza que a Educação Ambiental deve ser trabalhada de forma permanente nas instituições de ensino, estando presente em todos os níveis e modalidades educacionais e ainda levando em consideração seu caráter formal e não formal (BRASIL, 1999).

Vale ressaltar que embora a Educação Ambiental esteja presente neste documento enquanto tema integrador, entende-se que tal inserção vêm diminuir a sua dimensão enquanto tema transversal e interdisciplinar, por isso, Andrade e Piccinini (2017) contestam sobre a perda de espaço da EA na BNCC, mesmo na condição de tema integrador, prevalecendo a compartimentalização em disciplinas.

Parte daí, a defesa da EA num caráter interdisciplinar nas escolas, partindo de trabalhos em que “cada professor pode abordar a EA dentro da especificidade de sua área buscando pontos em comum para desenvolver o trabalho coletivamente” (MACHADO, 2013, p. 5). É importante destacar que assim como aponta Luck, a “Interdisciplinaridade é o processo que envolve a integração e engajamento de educadores num trabalho em conjunto, de interação das disciplinas do currículo” (2003, p.64).

Portanto, a finalidade é pensar no modo pelo qual cada disciplina pode contribuir, partindo de suas particularidades, para desenvolver atividades e projetos em torno da EA de forma coletiva, engajando toda a escola nesse processo.

Tais apontamentos, demonstram o quanto a Educação Ambiental faz-se necessária principalmente nos dias atuais, que vêm sendo marcados por uma série de acontecimentos provenientes da intensificação do sistema capitalista sob a natureza, sob o ser humano e também sob as estruturas educacionais que regem nosso país.

## **CAMINHOS METODOLÓGICOS**

Esse artigo parte de uma abordagem qualitativa de investigação, que de acordo com Amaral (2018, p. 41) nos possibilita “interpretar e compreender os

fenômenos em termos de significados e sentidos, a abordagem de pesquisa qualitativa nos possibilita situar o sujeito e o objeto de pesquisa no mundo”.

Os dados foram analisados por meio da técnica de Análise de Conteúdo, que consiste em gerar núcleos de sentido que compõem a comunicação, e que nos permite a escolha das unidades de codificação. (BARDIN, 1977).

Neste trabalho são analisados e apresentados os resultados referentes ao minicurso: Desafios e possibilidades para se trabalhar Educação Ambiental nas Instituições de Ensino, realizado virtualmente por meio de um projeto de extensão vinculado à Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. O minicurso contou com a participação de oito professores que concordaram voluntariamente com a divulgação dos dados, são professores de diferentes formações dentre eles 4 Licenciados em Ciências Biológicas, 2 Pedagogos, 1 Bibliotecária, 1 Licenciada em Língua Portuguesa.

Como já mencionado, o minicurso ocorreu de forma virtual por se tratar de um período pandêmico, fato este que possibilitou a participação de um público de diferentes regiões: Jequié-BA, Feira de Santana-BA, Campo Formoso-BA, São Raimundo Nonato-PI, São Luis- MA e Apuarema- BA. Vale ressaltar que o minicurso foi conduzido pelos autores deste artigo, ambos alunos de pós-graduação (mestrado e doutorado).

O minicurso consistiu na exposição oral dialogada com o auxílio de multimídia e, para atender aos objetivos propostos, ela foi organizada observando eixos basilares e facilitadores da estrutura do pensamento e consequente aprendizado: 1 Histórico do surgimento da Educação Ambiental; 2 Educação Ambiental no cenário atual; 3 Silenciamento da Educação ambiental na BNCC e Interdisciplinaridade

O minicurso foi dividido em quatro momentos: No primeiro momento, a intenção foi conhecer os partícipes, obtendo informações como: nome, cidade, formação e interesse pela temática. Após a explanação dos eixos basilares (1, 2, 3), iniciou-se o segundo momento, no qual aplicou-se um questionário com três perguntas: 1. O que vem a sua mente ao que se refere a Educação Ambiental?; 2. Como a Educação Ambiental esteve presente durante o seu

período escolar? E 3. Na graduação, houve contato com a Educação Ambiental? De que maneira?

Para a coleta de dados, optou-se em analisar os questionários, que segundo Richardson (1999) cumprem duas funções, sejam elas: descrever características e estimar determinadas variáveis de um grupo social. Após responder o questionário, reservou-se 30min para que os participantes relatassem suas experiências com Educação Ambiental no seu processo de formação.

O terceiro momento, foi voltado para o diálogo sobre a interdisciplinaridade na Educação Ambiental, pensando coletivamente, estratégias possíveis para possibilitar aos professores das diferentes áreas trabalharem com a EA no contexto escolar.

No quarto e último momento os partícipes relataram sobre os desafios e possibilidades em se trabalhar a EA e sobre a importância do minicurso para suas construções em torno das questões socioambientais, apresentando também possibilidades de trabalharem a EA durante suas aulas.

No sentido de preservar a identidade dos partícipes, estes serão mencionados da seguinte maneira: CB1, CB2, CB3 e CB4 compondo os quatro partícipes de Ciências Biológicas; PD1 e PD2 compondo os dois partícipes de Pedagogia; PT compondo o único partícipe de Português e B que corresponde ao único integrante Bibliotecário.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Os resultados que serão apresentados são provenientes do questionário que fora aplicado com os partícipes, contudo algumas informações são essenciais para melhor compreendermos os dados.

Como já mencionado, o minicurso contou com a participação de pessoas de diferentes áreas, fator este que foi de grande relevância para a percepção de cada um tinha em torno da Educação Ambiental, alguns inclusive, justificaram o porquê da escolha do minicurso com essa temática, a exemplo de um dos professores, que possui formação em pedagogia. Segundo este:

Na pedagogia temos uma educação mais ampla, e como a Educação ambiental não é um componente curricular específico de uma determinada área, eu sinto falta de um posicionamento mais proativo em sala de aula sobre a Educação ambiental e também na universidade, por isso é importante participar de espaços como esse. (PD2)

Como podemos constatar, a falta de discussão tanto nas escolas como na universidade são fatores fundamentais que impulsionam os educadores a procurar alternativas para além desses espaços que venham dialogar sobre EA. “Quando se trata de Educação Ambiental (EA) nas Universidades, ainda há muito por fazer. A Educação Ambiental não é algo pronto, acabado; é uma construção”. (SILVA; BASTOS; PINHO, 2020 p. 363).

O mesmo ocorre com a participante B, que atualmente faz mestrado em ciência da informação, contudo, está atuando profissionalmente como bibliotecária e considera a temática importante para uma melhor atuação nesse espaço, que de forma concreta ainda não se trabalha essas questões, mesmo sendo parte de um espaço educativo e fundamental para o aprendizado dos estudantes.

Grande parte dos cursistas justificaram a sua participação justamente na expectativa de levar os aprendizados para as suas respectivas áreas de atuação, tendo em vista que a EA ainda é tão pouco abordada nas instituições de Ensino e nos demais espaços. Como disse PIAZZA (2015 p.4) “Nada adiantará mesmo com leis e normas específicas, se o professor titulado não estiver consciente ou preparado para exercer o papel de educador que lhe cabe desempenhar.” Segundo (FILHO; CHAVES; SILVA; SILVA, 2021p.117) “grande parte das escolas brasileiras não tem um projeto educativo que contemple a problemática ambiental”, e com isso, não oferecem aos professores condições propícias para trabalhar coletivamente e de forma integrada. Esse cenário dificulta um trabalho efetivo com base na transversalidade e na interdisciplinaridade, ideais propostos para a prática da EA (BRASIL, 2004).

Para uma melhor compreensão das vivências dos partícipes e suas interações anteriores com a EA apresentamos abaixo, os quadros referentes às perguntas e resposta do questionário apresentado aos cursistas.

**Quadro 1.** Questão relacionada ao que vem à mente dos partícipes sobre EA

Partícipes	O que vem a sua mente ao que se refere a EA?
CB1 Betânia	Vem a ideia de desastre que vemos e é um meio de preparar as pessoas para viver com os recursos naturais preservando e conservando e tendo a consciência que a gente faz parte também do meio ambiente e que sem o meio ambiente nossa espécie não tem como continuar existindo
CB2	Ao se falar em EA, vem a ideia de trabalhar por meio de um processo educacional formal e informal para sensibilização e conscientização sobre o papel da sociedade sobre e com a natureza.
CB3	O cuidado que devemos ter com o meio ambiente, preservando e respeitando a natureza.
CB4	Vejo a Educação Ambiental enquanto prática social que tem ligação direta com as relações que são estabelecidas entre ser humano e natureza. Por meio da Educação ambiental é possível repensar a nossa existência e também refletir sobre formas de garantir uma vida plena e equilibrada para as diferentes formas de vida presentes no planeta terra.
B	No uso sustentável, cuidado com o meio ambiente, a natureza e seus seres vivos.
PT	No uso inteligente dos recursos não renováveis.

PD1	Meio de conviver com os recursos naturais, o ambiente como todo, respeitando seus limites e zelando pela sua Preservação e Conservação.
PD2	Vejo a Educação Ambiental partindo do cuidado com a natureza e como prática pensada para garantir a coexistência dos diferentes seres vivos de forma equilibrada

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como podemos constatar no quadro 1, os partícipes em sua maioria abordam sobre o cuidado necessário com o meio ambiente, sempre pensando no equilíbrio entre as diferentes formas de vida presentes no planeta. Layrargues (2004a, p.12) destaca que “esse pensamento enfatiza a dimensão ecológica em detrimento das demais contextualizações do problema ambiental, promovendo o entendimento da estrutura e funcionamento dos sistemas ecológicos, mas ignorando a sua interface com a dinâmica social”.

O professor CB2 chama a atenção para a importância de a sociedade perceber o seu papel diante da natureza, preocupação muito pertinente já que muitos acabam desconsiderando a sua responsabilização diante dos problemas ambientais por acreditar que suas ações são mínimas mediante os grandes impactos ambientais.

Outro ponto importante é mencionado por PD1 quando aponta para o respeito aos limites da natureza, preocupação necessária já que partindo dessa relação exploratória do ser humano sob a natureza, não há uma preocupação em torno desses limites, conseqüentemente levando a um desmatamento desenfreado das nossas florestas, poluição dos rios e afluentes e conseqüentemente perda de espaço para a sobrevivência das diferentes espécies animais.

A professora CB, destaca sobre o fato do ser humano fazer parte do meio ambiente e sobre a impossibilidade de existência caso o meio ambiente seja extinto. Reflexão que deve ser levada em consideração, tendo em vista que o



que garante a subsistência de todas as espécies são os recursos naturais e sem estes a chance de vida em nosso planeta é nula.

As falas dos partícipes remetem as correntes naturalistas e conservacionistas descritas por Sauv  (2005) onde   centrada na rela o com a natureza, evidenciando os aspectos naturais do meio ambiente. As proposi es da corrente naturalista reconhecem o valor intr nseco da natureza, acima e al m dos recursos que ela proporciona. J  a corrente conservacionista agrupa as proposi es centradas na *conserva o* dos recursos, tanto o que concerne   sua qualidade e quantidade, por exemplo,  gua, solo, as plantas.

No quadro 2 os part cipes abordam sobre a forma como perceberam a educa o ambiental durante a educa o escolar, como podemos observar abaixo:

**Quadro 2.** Quest o referente a como a EA apresentou-se durante o per odo escola

Partícipes	Como a EA esteve presente durante o seu período escolar?
CB1	Não tenho nenhuma memória a respeito da EA
CB2	O que mais se aproximou de educa�o ambiental na educa�o básica, foi os projetos da disciplina de ciências como: dia da água, dia da árvore, por exemplo.
CB3	Não me recordo de trabalhos realizados com EA, o que se aproxima foram trabalhos de reciclagens na disciplina de Artes, porém não tinha a inten�o de ajudar o meio ambiente, não era pela sustentabilidade e sim uma forma de reutilizar coisas que iriam para o lixo.
CB4	Tive contato na disciplina de biologia, porém eram discussões voltadas para reciclagem e preserva�o.
B	Não me recordo.

PT	Nas aulas de Ciências.
PD1	No ensino médio fiz magistério não lembro
PD2	Não tenho nenhuma memória de EA no ensino médio

**Fonte:** Elaborado pelos autores

Como é possível constatar os participantes CB1, B, PD1 e PD2 não possuem lembranças com relação a EA durante o período escolar, entretanto, na escola, a EA, é fundamental para a diminuição dos problemas socioambientais que à anos nossa sociedade vem enfrentando (FILHO et.al 2021). O que nos impede de realizar conjecturas mais precisas com relação a tais dados.

Contudo, é importante destacar que o fato de não se recordarem dessas vivências não significa que os sujeitos não tenham visto a temática durante seu processo de formação, porém, nos permite inferir que não houveram ações significativas e de forma permanente sobre as questões socioambientais em todos os níveis de ensino, tendo em vista que não se recordam de fatos relacionados a EA durante seus períodos escolares, fator este que desconsidera as indicações previstas na Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 quando esta dispõem que “a educação ambiental será desenvolvida como uma prática educativa integrada, contínua e permanente em todos os níveis e modalidades do ensino formal”(BRASIL, 1999, p.5).

Corroborando com o que já vem sinalizando a literatura, os cursistas CB2, CB4 e PT afirmam sobre a EA ter sido vista nas disciplinas de ciências e biologia. Tal afirmação nos alerta para o viés biologizante que ainda é atribuído à EA, no qual geralmente recai para os professores das referidas áreas a responsabilização por trabalhar com esta temática devido à crença que estas

estão mais relacionadas às questões ambientais por abordarem sobre os seres vivos, ecologia, ecossistemas, etc.

Contudo, o partícipe CB3 afirma ter tido contato com a EA na disciplina de artes, por meio de trabalhos relacionados à reciclagem, porém não se recorda do termo sustentabilidade. Atividades como estas devem ser realizadas com cautela a fim de não perder de vista o foco principal que deve ser levantado que é o consumismo. Para Filho et.al (2021) isso é um grave problema que decorre da falta de racionalidade sobre a temática de produção e consumo, no qual considera o meio natural como mercadoria de fácil descarte, o que leva a um quadro de desigualdade e exclusão. Com isso Layrargues reforça que a reciclagem pode ser a “alienação do consumismo como fator de degradação ambiental” (2002, p.17), isso porque, as grandes empresas e indústrias têm utilizado o discurso da reciclagem para garantir o consumo sem “peso na consciência” gerando a falsa sensação no consumidor que assim, estará contribuindo para a diminuição dos impactos ambientais.

No quadro 3, sobre o contato que os partícipes tiveram com a Educação Ambiental durante a graduação, o cenário não é novidade, já que muitos alegam ter tido esse contato apenas em algumas disciplinas isoladamente, como podemos ver a seguir:

**Quadro 3.** Questão sobre o contato com a EA na graduação

Partícipes	Na graduação, houve contato com a EA? De que maneira?
CB1	Na universidade fiz várias disciplinas como geologia, biologia. O que nos faz pensar em diversidade biológica, quando a gente vê falar em biomas, ecologia. Eu tive uma disciplina que falava bastante sobre o consumo exagerado.
CB2	O contato com EA na graduação, a primeira vez foi com a disciplina específica sobre o tema. Posteriormente, em outras disciplinas de forma interdisciplinar comecei a perceber temas relacionados a questões socioambientais de forma mais crítica.

CB3	Na graduação não tive disciplinas ou discussões com EA, o mais próximo foi ecologia, porém tive contato em projeto de extensão e iniciação científica.
CB4	Na universidade algumas disciplinas em específico tratavam sobre EA, porém numa perspectiva biologizante e mais voltada para o ecologismo.
B	Sim, na graduação de Biblioteconomia na UFPA é ofertado uma disciplina optativa denominada "Informação Ambiental".
PT	Não diretamente, o termo de Educação Ambiental nunca foi discutido, ficava a caráter de minicurso ou palestras.
PD1	Vi de forma muito rasa na formação inicial.
PD2	Sim. Em disciplinas como ecologia e diversidade biológica. Tivemos algumas intervenções em escolas para falar do lixo e consumo excessivo.

**Fonte:** Elaborada pelos autores

Como pode-se constatar, CB1, CB3 e PD2 relatam que o contato maior que tiveram com a EA foi em disciplinas como ecologia, geologia, biologia e diversidade biológica. CB4, embora não mencione nenhuma disciplina, sinaliza sobre a EA ser vista inserida em algumas disciplinas, partindo de uma perspectiva ecologista. O que se pode perceber é que EA ainda é pouco vista nos cursos de formação inicial de professores e quando o debate é realizado, ocorre de forma isolada em disciplinas específicas, ou seja, as “Instituições de Ensino Superior brasileiras não possuem, em geral, uma

política clara e definida para as questões de Educação Ambiental” (SILVA; BASTOS; PINHO, 2021 p. 363).

O que existe são núcleos disciplinares ou multidisciplinares que, muito mais por iniciativa de um ou de alguns docentes, promovem a produção da educação ambiental acadêmica, cursos de extensão, de especialização e linhas de pesquisa em programas de pós-graduação. (LOUREIRO, 2003). Vale destacar que geralmente as discussões que são propostas nessas disciplinas partem de uma esfera biologizante que nem sempre leva em consideração os aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos por trás da EA, sabe-se que Universidade desempenha importante função no desenvolvimento e no progresso intelectual e social, pois é nela que o acervo dos conhecimentos se organiza, conserva e é transmitido (MANEIA, 2016).

Segundo PT o termo EA não foi visto durante a graduação, ficando o debate restrito a participação em minicursos e palestras, enquanto PD1 afirma que a EA foi trabalhada de forma superficial ao longo da sua formação inicial. É notável que são poucos os cursos de graduação que assumem a responsabilidade de inserir a EA enquanto elemento essencial presente no currículo, fator este que explica, parcialmente, o porquê de grande parte dos educadores não incorporarem o debate a ponto de introduzirem as questões socioambientais em sua prática docente de forma transversal e interdisciplinar como estabelecem os documentos oficiais.

Tanto CB2 como B apontam sobre terem tido contato com uma disciplina específica sobre as questões ambientais durante a graduação, fator este que tem se tornado cada vez mais comum em alguns cursos, nos quais a EA é trabalhada enquanto disciplina. A disciplinarização da Educação Ambiental ainda hoje é alvo de debates acirrados, tendo em vista que partindo do que prevê a Lei nº 9.795, de 27 de abril de 1999 “à Educação Ambiental não deve ser implantada como disciplina específica no currículo de ensino” (BRASIL, 1999. p. 05).

Entretanto, para UNESCO (2005, p. 44), a “Educação Ambiental é uma disciplina bem estabelecida que enfatiza a relação dos homens com o ambiente natural, as formas de conservá-lo, preservá-lo e de administrar seus recursos

adequadamente”. Além disso, para Silva; Bastos; Pinho (2021) essa discussão deve perpassar pelas questões socioambientais, ou seja, não podemos perder de vista a relação do homem com seus pares. Sendo assim, incluir a EA nas Universidades possibilita o alcance de uma aplicação com qualidade dentro das escolas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Esta pesquisa permitiu que detectássemos as percepções sobre Educação Ambiental de professores de diferentes áreas de ensino que participaram do minicurso, pois cientes das recomendações através dos PCN para a inserção do tema transversal meio ambiente em todas as disciplinas e níveis de ensino, foram buscar respostas de como inserir a temática em suas aulas.

Percebemos nesse estudo que a maioria das percepções apresentadas nesta pesquisa enquadram-se a uma visão naturalista, conservacionista e antropocêntrica, que interfere em suas práticas docentes, não permitindo uma maior abrangência no campo da Educação Ambiental. Poucos professores salientaram a existência de outros fatores como, os sociais, econômicos e políticos. Acreditamos que isto possa ser reflexo de uma formação inadequada no que se refere a Educação Ambiental, pois a maioria dos currículos de licenciatura foram reformulados recentemente na LDB (2012) apresentam disciplinas relacionadas à Educação Ambiental, e muitas vezes costumam aparecer com uma abordagem bastante técnica ou específica e não o bastante para despertar um senso crítico preciso para esse profissional.

Podemos entender a importância da formação continuada, visto que esses professores não obtiveram aprendizado suficiente dos temas transversais recomendados pelos PCNs durante seu processo de formação, escolar e universitário. Além disso, nosso foco foi fazer com que os docentes consigam enxergar a Educação Ambiental como um eixo integrador do Ensino de forma interdisciplinar e não como algo a ser realizado e praticado a parte e isoladamente.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria Carolina Pires; PICCININI, Claudia Lino. Educação Ambiental na Base Nacional Comum Curricular: retrocessos e contradições e o apagamento do debate socioambiental. **IX EPEA** - Encontro Pesquisa em Educação Ambiental, Juiz de Fora - MG, 2017

AMARAL, Anelize Queiroz. **Educação Ambiental e a dimensão política**: um estudo de caso do programa de formação de educadores ambientais da usina hidrelétrica Itaipu Binacional. 2018. 306 f. Tese (doutorado) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro, 2018.

ARAÚJO, Thiago Cássio d'Ávila. Direito Ambiental. Brasília: **Fortium**, 1ª ed., 2007.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70; 1977. 225 p.

BRASIL. Lei no 9.795, de 27 de abril de 1999. Dispõe sobre a educação ambiental, institui a Política Nacional de Educação Ambiental e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF.

BRASIL. Ministério da Educação/SETEC. Currículo Referência: políticas públicas para a educação profissional e tecnológica. Brasília: **MEC**, 2004.

FRAGOSO, E; NASCIMENTO, E.C.M. A Educação Ambiental no Ensino e na Prática escolar da escola estadual Cândido Mariano. **AMBIENTE & EDUCAÇÃO**, Aquidauana/ MS, Vol. 23, n. 1, 2018.

FILHO, Fernando de Oliveira Novais; CHAVES, Andreia Barreto; SILVA, Alexandro Ferreira de Souza; SILVA, Silvana do Nascimento. Aproximações e distanciamentos de um grupo de mestrandos em educação científica e formação de professores sobre educação ambiental. **Rev. Iniciação a Docência**. UESB, Jequié, 2021.

KRUGUER, Eduardo L. Uma abordagem sistêmica da atual crise ambiental. In **DESENVOLVIMENTO E MEIO AMBIENTE**, Curitiba, n. 4, p. 38, 49 e 367, 2001.

LAYRARGUES, Philippe Pomier. O cinismo da reciclagem: o significado ideológico da reciclagem da Lata de alumínio e suas implicações para a educação ambiental. LOUREIRO, F.; LAYARGUES, P.; CASTRO, R. (Orgs.) Educação ambiental: repensando o espaço da cidadania. **Cortez**, São Paulo, 2002



LAYRARGUES, Philippe Pomier. Para que a educação ambiental encontre a educação. In: LOUREIRO, Carlos Frederico Bernardo. Trajetória e fundamentos da educação ambiental. **Cortez**, São Paulo, 2004a.

LOPES, Debora Cristina. LEVANTAMENTO DA CONSCIÊNCIA AMBIENTAL EM CURITIBA/PR. **Revista Educação Ambiental em Ação**. Rio Claro, SP, 2013.

MANEIA, Arismar. A responsabilidade ambiental da Universidade na formação humana. **Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental**. Santa Maria, 2016, v. 20.

MEDINA, Naná Meninni. Educação ambiental: uma metodologia participativa de formação. **Vozes**. Petrópolis - RJ,,1999.

OLIVEIRA, Ana Maria Soares. Relação Homem/Natureza no Modo de Produção Capitalista. **Rev. Pegada**, v.3, 2002.

PEDRINI, Alexandre de Gusmão. Educação Ambiental: reflexões e práticas contemporâneas. **Vozes**, Rio de Janeiro, 1998.

PIRES, E.A.C, COSTA, E.P.S, PACANHELA-BORGES, F, MOREIRA, A.L.O.R. Reflexões sobre a Educação Ambiental quanto a formação do professor pedagogo no contexto de pandemia: Contribuições para o fortalecimento da Justiça Social e Ambiental. **Revbea**, São Paulo, V. 15, No 4: 456-455, 2020

PIAZZA, Cesar Augusto Della. EDUCAÇÃO AMBIENTAL EM INSTITUIÇÕES DE ENSINO. Encontro Internacional sobre Gestão Empresarial e Meio Ambiente. **ENGEMA**. São Paulo, 2015.

RICHARDSON, Roberto Jarry. Pesquisa social: métodos e técnicas. 3ed. **Atlas**, São Paulo, 1999.

UNESCO – (1997) Organização das Nações Unidas para a educação, Consequências das catástrofes naturais ou causadas pelo ser humano.

Silva, Alexsandro Ferreira de Souza; Bastos, Adson dos Santos; Pinho, Maria José de Souza. Educação Ambiental e sustentabilidade nos cursos de licenciatura da Universidade do Estado da Bahia - Campus VII. **RevBEA**, 16(3), 362–376, 2021.

SOUZA, Maria das Graças Gomes. HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL NO BRASIL. **Monografia**. Universidade de Brasília/Universidade Estadual de Goiás, 2011.